



**Alexandrina Maria da
Costa**

Salesiana Cooperadora

**30-4-1904
13-10-1955**

A melhor cronista da sua vida é a própria Alexandrina

P. Humberto Pasquale, segundo diretor espiritual de Alexandrina, mandou-a escrever uma *Autobiografia* e Alexandrina assim o fez.

Ditando o texto à sua irmã Deolinda, ou à professora Maria da Conceição Proença, tratada familiarmente como Sãozinha, ora escrevendo ela própria, com enorme dificuldade, Alexandrina cumpriu religiosamente esta indicação.

«Eu chamo-me Alexandrina Maria da Costa, nasci na freguesia de Balasar, concelho da Póvoa de Varzim, distrito do Porto, a 30 de Março de 1904, numa quarta-feira Santa e fui batizada a 2 de Abril do mesmo ano, era então sábado de Aleluia.»

Vivia-se nessa ocasião o Ano Santo de 1904

Uma criança normal

A Alexandrina era uma criança cheia de vida, sorridente, serviçal, manifestando alegria com as suas expressões infantis.

Gostava de pregar partidas inocentes e era corajosa.

Era uma criança alegre andava e corria pelos campos, subia às árvores com facilidade, de tal modo que a mãe a designava por *Maria-rapaz*.



Uma piedade sincera

Manifestava desde tenra idade uma piedade sincera e, sobretudo, uma grande devoção a Nossa Senhora. Mas o que mais ressalta destas notas singelas é o suave perfume dessa flor do campo que o Espírito Santo guardara para Si.
Já pelos quatro anos amava a oração e deliciava-se a contemplar o céu estrelado.

«Não sei o que me atraía para lá. Se nesta idade manifestava os meus defeitos, também mostrava o meu amor para com a Mãe do Céu e lembro-me com que entusiasmo cantava os versinhos a Nossa Senhora e até recordo o primeiro cântico que entoei na Igreja que foi: Virgem pura, tua ternura, (...). Gostava muito de levar flores às zeladoras que compunham o altar da Mãezinha.»



Fortaleza de Espirito e Nobreza de Atitudes

No que diz respeito à caridade e piedade, seguia os passos da mãe. Escutava confidências e dava bons conselhos, ajudava em tudo o que podia, lavava e vestia os mortos, velava-os, confortando a família e alimentou durante a vida uma grande compaixão pelos pobres, valendo a muitas necessidades.

Participava com todo o entusiasmo na vida da paróquia, primeiro frequentando a catequese e depois como catequista, ajudava na limpeza da igreja e arranjo dos altares e cantava no grupo coral com uma voz sonora e afinada que conservou até ao fim da vida.

Durante os anos que esteve, imobilizada no leito, o seu maior sofrimento era não poder participar nas celebrações.



As Belezas do Criador



Continua Alexandrina.

«Pelos nove anos, levantava-me cedo para ir trabalhar nos campos e quando me encontrava sozinha, punha-me a contemplar a natureza, e o poder de Deus:

O romper da aurora, o nascer do sol, o canto das avezinhas, o murmúrio das águas entravam em mim numa contemplação profunda, que quase me esquecia de que vivia no mundo».

“E quando me encontrava à beira-mar, como me perdia diante daquela grandeza.

À noite, ao contemplar o Céu e as estrelas , ainda admirava mais as belezas do Criador”

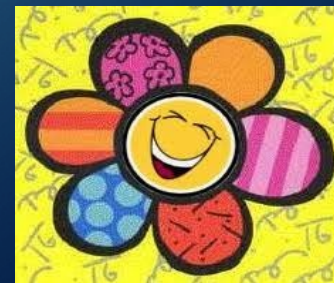
Os primeiros passos de uma adolescente

Desde pequenina, dedicou-se generosamente às tarefas domésticas e a ajudar os necessitados.

Com cerca de nove anos, foi trabalhar como criada de servir para um lavrador que vivia perto da sua casa.

Trabalhava como assalariada, com um ritmo e habilidade como se fosse adulta, e ajudava a vizinhança no que era necessário.

Sobrava ainda tempo para se divertir como qualquer adolescente, ficou na memória o dia em que vestiu uma camisa de homem que a sua irmã Deolinda estava a costurar e saiu para fora de casa, fazendo rir toda a gente com o seu bom humor.



Virgem e Mártir

Com cerca de treze anos, caiu desamparadamente, esta queda deixou marcas, causou-lhe dores prolongadas e criou-lhe dificuldades no andar.

Mas foi um outro acontecimento que a levou a uma imobilidade completa no leito até ao fim da vida.

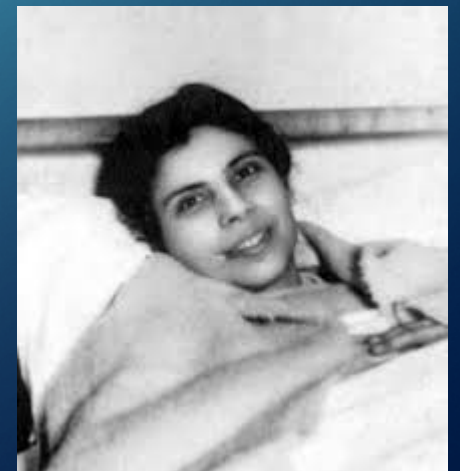
Era Sábado Santo de 1918. Nesse dia, ela, a irmã Deolinda e mais uma mocinha aprendiz, estavam a trabalhar de costura, quando perceberam que três homens tentavam entrar na sala onde se encontravam. Embora estivessem fechadas, os três homens forçaram as portas e conseguiram entrar.

Alexandrina, para salvar a sua pureza ameaçada, não hesitou em atirar-se pela janela, de uma altura de quatro metros. As consequências foram terríveis.

Até aos 19 anos pôde ainda arrastar-se até a igreja, onde gostava de ficar recolhida, com grande admiração das pessoas.

A paralisia foi avançando cada vez mais, até que as dores se tornaram insuportáveis, aos poucos foi perdendo o andar e ficou parcialmente paralisada.

Era o dia 14 de abril de 1925 quando Alexandrina ficou definitivamente de cama. Ali haveria de passar os restantes 30 anos de sua vida.



As três Paixões de Alexandrina

Uma vez retida no leito até ao fim da sua vida terrena, a Alexandrina é conduzida pelo Espírito Santo a viver generosamente entregando-se a ,
três Paixões que encheram a sua vida:

A Santíssima Eucaristia;

Nossa Senhora;

e os pecadores.

A Santíssima Eucaristia

Foi sempre grande, desde os mais tenros anos, a devoção da Alexandrina à Santíssima Eucaristia. Ficou profundamente marcada pela Primeira Comunhão.



“Desde jovem fazia diariamente uma visita ao Santíssimo Sacramento e associei-me a vários movimentos, alguns existiam na paróquia de Balazar (Associação das Marias dos Sacrários-Calvários e Lâmpadas Vivas), e tinha também muito interesse pela Cruzada Eucarística”

Devoção a Nossa Senhora

A Alexandrina desde tenra idade manifestou uma grande devoção a nossa Senhora. Habitou-se, desde muito cedo, a tratá-la por *Mãezinha* e confiava-lhe filialmente os seus problemas. Este amor é descrito por Alexandrina do seguinte modo:

«Todos os anos, no mês de Maio, fazia o mês da Mãezinha. Gostava muito de o fazer sozinha. Meditava, cantava, rezava e chorava, algumas vezes, ao mesmo tempo que pedia à Mãe do Céu que me libertasse da grande tribulação que estava a passar

Os Pecadores

Alexandrina viveu dominada pela compaixão dos pecadores, por causa da ofensa com que feriam o coração divino e pelo enorme risco de perdição eterna em que se encontravam. Escreveu em 8 de Julho de 1948.

“Se para salvar uma alma, eu tivesse de estar a vida inteira num mar de gelo ou de fogo, com que alegria me submeteria a tudo somente para consolação e alegria de Jesus!”

Em conclusão Alexandrina incarna de um modo muito especial o “Da Mihi animas, cetera tolle” de D. Bosco, porque a sua história de Salesiana Cooperadora e a sua espiritualidade é assinalada pela vocação e a missão que ela recebe do próprio Deus.



Associação Salesianos Cooperadores Província de Santo António

Formação: Alexandrina Maria da Costa

Outubro 2018